



instituto **linagalvani**

ECOAR

Vozes das comunidades



ECOAR
Vozes das comunidades

RELATOS

QUE PRESERVAM A HISTÓRIA

Fazer com que as histórias sejam ouvidas e lidas, fazê-las **ECOAR**. Este é o objetivo desta publicação: proporcionar que narrativas de vidas sejam difundidas e conhecidas. E especialmente estas histórias, quando ecoam, ilustram o trabalho do Instituto Lina Galvani nas comunidades, tornando-as protagonistas dos projetos e ações que desenvolvemos juntos.

Cada localidade, Campo Alegre de Lourdes (BA), Luís Eduardo Magalhães (BA) e Serra do Salitre (MG), com suas peculiaridades, características, potenciais e histórias.

Ouvimos e acolhemos estas histórias. Agora, estamos ecoando-as. Dividindo-as com você, para que possa conhecer um pouco das pessoas que não apenas estão nos territórios, mas também o representam. É por eles que estamos trabalhando.

A cada personagem das localidades, Iranildo, Seu Jonas, Jorene, Juninho, Luciene, Ludmila, Mariney, Monique, Roberta, Rosa, Sérgia e Simone: os nossos sinceros agradecimentos pela parceria, compartilhamento da sua história e acolhida em suas casas, escolas, trabalho e, principalmente, em sua comunidade, cidade.

Receba este trabalho feito por várias mãos, mentes e corações. Desfrute destas narrativas e sinta-se dentro de cada povoado, bairro, cidade e história.

Boa leitura!

Campo Alegre de Lourdes
Bahia

Luís Eduardo
Magalhães
Bahia

Serra do Salitre
Minas Gerais



08
JONAS
FERNANDES
DA SILVA



12
SIMONE
MARQUES DE
OLIVEIRA ALVES



16
MARINEY
DA SILVA
RIBEIRO



20
SÉRGIA
ANGÉLICA
DA SILVA



24
MONIQUE
ALMEIDA
DOS SANTOS



28
IRANILDO
SILVA DE
OLIVEIRA



32
ROSA MARIA
RIBEIRO DA
MATA ROCHA



36
LUDIMILA
NOVAIS



40
LUCIENE
DE SOUZA
BORGES



44
ACRÍSIO
DA SILVA
ROCHA JR.



48
JORENE
SOARES
BARBOSA ROCHA



52
ROBERTA
PACHECO



JONAS FERNANDES DA SILVA

Campo Alegre
de Lourdes
Bahia



Era ele ou a onça pintada. Um dos dois não sairia vivo dessa peleja. Jonas Fernandes da Silva tinha apenas 12 anos quando ficou frente ao felino durante uma caçada. Não era por diversão que estava ali. No povoado de Angico dos Dias (BA) dos anos 1960, os períodos de escassez de alimento forçavam homens e meninos a passar dias no mato na captura de tatus-peba, catitus, cotias, tamanduás e outros animais para alimentar a família. Era com esse objetivo que Jonas e dois amigos saíram de casa no dia que toparam com a fera. A ação foi rápida. Sem chance de fugir, eles armaram a estratégia. Jonas sabia o momento certo de dar o golpe. “Quando a onça está se aprumando para atacar, é a hora de cortar. Se perder o tempo, vai para a boca do bicho”. Assim foi feito. Seis golpes de facão concluíram a tarefa. “Teve mulher que chorou de alegria quando chegamos com a caça para todos”.

Naquela época, Jonas ainda não sabia, mas essa não seria a pior batalha que enfrentaria na vida. Sua epopeia maior começou quando o pai foi mordido por uma jararaca e, convalescente na cama, não tinha mais condições de garantir o sustento da família. Filho mais velho de 12 irmãos, ainda menino assumiu o posto de pai. Para garantir mais recursos, enfrentava 12 horas de caminhada, “das três da manhã às três da tarde”, até o município de Campo Alegre de Lourdes. Trabalhava na roça e fazia bicos para enviar, semanalmente, o dinheiro para a mãe. Quando essa tarefa já não dava conta, vendeu um jumento e uma porca e partiu em um pau de arara para outras terras. Passou por Brasília e Minas Gerais, onde trabalhou pesado na extração de minérios. “Ficava com o dedo grosso de tanto bater peneira”.

A notícia de que as coisas estavam melhorando em Angico dos Dias fez ele retornar. Estava com 30 anos de idade. De volta ao povoado, Jonas tratou de construir sua vida. Casou dois anos depois e com a Pequena, apelido de Maria Ferreira da Silva, teve seis filhos - ainda que na sua conta sejam 12, contabilizando os netos, já que eles o consideraram como um pai. Criou todos com o trabalho na agricultura.

Mesmo com as felicidades que vieram, os anos mais difíceis pelos quais havia passado criaram uma espécie de carapaça em Jonas. “Me tornei uma pessoa fechada, que não conversava bem com qualquer pessoa, nem com os filhos. Nessa questão, eu não era gente que prestava, não”. Hoje, ele “mudou 100%”, como costuma dizer, e sabe exatamente quando a transformação começou: 2011. Nesse ano, foi convidado a participar de uma reunião com a comunidade, promovida pelo Instituto Lina Gal-

vani. Gostou do clima de amizade que tinha na roda de conversa, do contato entre as pessoas e da animação de todos ao falar sobre o que poderia ser feito para melhorar o povoado. “Em qualquer reunião eu volto, podem me chamar”, decretou nesse dia.

Ele não só cumpriu a promessa como se tornou uma das pessoas mais participativas da Rede Social de Angico, Peixe e Região, criada pelos moradores. Envolveu-se no grupo da Horta Esperança, um projeto de cultivo de orgânicos. Aprendeu com especialistas o manejo de uma plantação sem agrotóxicos e também ensinou-lhes muito com base na sua experiência na lida com feijão, milho e, principalmente, mandioca. “Tenho prazer de plantar e ver ela verdinha mesmo na seca. Muita gente não sabe, mas a chuva da mandioca é a enxada: tem que mexer a terra para ela não morrer”.

Com o tempo, Jonas foi perdendo aquela carapaça fechada. Passou a falar nas reuniões, conversar com as pessoas, estar aberto para ouvi-las, interagir com a família e se colocar à disposição de ajudar quem vier pedir seu auxílio. Tornou-se, inclusive, um dos porta-vozes da Rede Social. Quando decidiram fazer um mutirão para construir no povoado a Praça São José, em 2013, ele encabeçou a caminhada que bateu de porta em porta pedindo doações e convidando os moradores para participar. A prosa deve ter sido boa, porque mais de 200 pessoas atenderam ao chamado.

Também foi marcante para Jonas a viagem que fez a São Paulo, em 2017, para representar a Rede Social no evento Dialogando – Governança para o Desenvolvimento Territorial, realizado pelo Instituto Lina Galvani. Não apenas porque realizou o sonho de viajar de avião e “ver as nuvens soltas como fumaça”, mas também pela possibilidade de falar perante mais de 80 representantes de diversos setores relacionados ao desenvolvimento comunitário no Brasil. “A Rede Social me deu uma força que nem eu sabia que tinha. Posso dizer que nasci outra vez quando entrei na Rede”.

Hoje, o único momento que não tem conversa com ele é durante suas caminhadas. “Tem que ser calado, soltando o fôlego, sem pensar em outro assunto”. A técnica própria ele desenvolveu participando do Diversão Não Tem Idade, voltado para a saúde e bem-estar dos idosos. O grupo se reúne para tirar a pressão, fazer alongamentos e partir para as caminhadas pelas ruas de Angico dos Dias e arredores. Jonas insiste com todos que não pode ter conversa no percurso, mas no meio de uma turma animada formada quase só por mulheres esse vai ser um pedido difícil de atender.



SIMONE MARQUES DE OLIVEIRA ALVES

Luís Eduardo Magalhães
Bahia



A cantora Kátia estava no topo da parada de sucessos nas rádios. A então pré-adolescente Simone Marques de Oliveira Alves aguardava ansiosa que o hit *Não está sendo fácil* entrasse na programação. Também cantava junto quando *Sábado*, de José Augusto, ecoava no aparelho. Tinha o desejo de escrever longas cartas para a emissora contando quem era, o que gostava de fazer e quais músicas sugeria. Porém, o envelope ia para os Correios apenas rabiscado com o nome do artista e a canção preferida. “Sentia muita falta da escola por isso”, lembra. Nessa época, Simone tinha apenas 14 anos, mas o peso de um adulto nas costas.

Nascida na zona rural de João Dourado, na Bahia, desde criança ajudava a mãe a montar a barraca de comida na feira. Quando tinha 12 anos, sua professora na escola rural percebeu hematomas na menina, soube das agressões em casa e pediu permissão para levá-la para morar consigo. Simone iniciava ali uma peregrinação por casas de família, como empregada e babá. Essa rotina já não comportava a escola. Em um dos trabalhos, foi abusada pelo patrão – trauma que represou por quase três décadas. “Deixei guardado numa caixinha, escondido”. Aos 15 anos, embarcou com a irmã, de 13, para Salvador. Cada uma já estava “prometida” a uma família na capital.

A vida não foi fácil na cidade grande. Por sorte, Simone cruzou com alguns anjos pelo caminho. Guarda com um carinho especial a história do casal que aceitou contratá-la mesmo grávida do primeiro filho, a ida com eles para a maternidade e a ajuda que deram na construção da sua casa. Lembra também da avó, que a acolheu mesmo quando a sociedade considerava vergonha ter uma mãe solteira na família. Recorda o senhor que a ajudou e assumiu o papel paterno na criação dos dois filhos. Quando ele faleceu, não suportou a dor: era hora de sair da capital.

Simone chegou em Luís Eduardo Magalhães em 2000, influenciada pelos irmãos, que vieram anos antes atraídos pela fartura de emprego na cidade. Alternando os trabalhos mais diversos, de camareira de hotel a vendedora, comprou um terreno onde levantou, em mutirão, a casa de um cômodo. Em 2014, teve uma experiência transformadora. Foi cuidar do projeto ANA, uma casa que acolhia mulheres em situação de risco. “Me via nelas. Estava retribuindo para alguém o que fizeram por mim. Isso me preencheu”.

Nesse período, Simone aprendeu uma atividade que viria ajudá-la a enfrentar um período de depressão: o crochê. Trocou os remédios pelas agulhas e linhas e recupe-

rou o sorriso farto, sua marca-registrada. Sentada na frente de casa, tecia os tapetes que chamavam a atenção das vizinhas, ansiosas por aprender a técnica. Passou a dar aulas para elas. “Fazia um modelo, vendia, comprava linha e chamava as meninas”. Decidiu oficializar a prática no projeto Três Flores e Crochê, com aulas periódicas na sede caprichosamente preparada nos fundos da sua casa.

A história se espalhou até chegar aos amigos da Igreja. Por intermédio do pastor, ela soube das reuniões que o Instituto Lina Galvani estava fazendo para apresentar seu programa de desenvolvimento comunitário em Luís Eduardo Magalhães. Animada, começou a participar das capacitações que prepararam os moradores na elaboração de propostas para o edital Ideias e Ações, com o objetivo de apoiar iniciativas que contribuem para a melhoria da qualidade de vida da população. “Estava feliz por ter a coragem de dizer a todos que eu tinha um projeto. Era um orgulho!”.

Nas oficinas, ela aprendeu a organizar e formular suas propostas. “Eu tinha a ideia, mas não sabia como colocar no papel. As aulas me deixaram muito mais aberta e tranquila”. Os encontros também foram uma oportunidade para Simone ter contato com mais pessoas que estavam desenvolvendo iniciativas interessantes de melhorias para a comunidade. “Foi maravilhoso. É muito bom conhecer tanta gente que tem um coração bom, que pensa em ajudar outras pessoas”, diz. “Mesmo se meu projeto não fosse escolhido eu já estava no lucro por todo aprendizado”.

A cada encontro, ela voltava para casa mais alegre e cheia de esperança. “Tinha gente que dizia que eu estava sonhando demais, mas, sempre que pegava as agulhas, sabia que viria algo de bom para mim”. O pressentimento estava certo: o Três Flores e Crochê foi um dos selecionados no edital. Com o apoio, Simone tem a chance de expandir a ideia que cultivou nos fundos de casa para outra comunidade, o Jardim das Acácias. Porém, havia um desafio pela frente: encontrar um local para as aulas.

Na volta de uma das buscas infrutíferas com esse objetivo, encontrou por acaso uma antiga vizinha e contou seu dilema. Lembra emocionada o que a amiga lhe disse: “Simone, você foi um anjo para mim quando cheguei aqui sem nada e, no dia que minha panela de pressão explodiu, você me deu uma nova. Eu moro agora no Jardim das Acácias e minhas portas estão abertas para você dar as aulas lá”. O depoimento soou como música para seus ouvidos.



MARINEY DA SILVA RIBEIRO

Serra do Salitre
Minas Gerais



Nos grandes almoços de domingo da família de Mariney da Silva Ribeiro, que chegam a reunir até 40 pessoas, um assunto domina totalmente as conversas: a vida escolar. E não é apenas porque ela é a Secretária de Educação, Esporte, Cultura e Turismo do município de Serra do Salitre, Minas Gerais. Em torno da mesa, estão reunidas gerações de professoras. A matriarca, Dona Geralda Dias de Oliveira, hoje com 93 anos, foi a pioneira. Na época da sua juventude, não havia escolas na zona rural do município. Era comum juntar as crianças da região em um grupo e alguém da comunidade assumir o posto de educador, o chamado professor leigo. Foi dessa forma, com uma vocação natural para o ensino, que foi responsável pela formação de alunos nas fazendas da região.

Dona Geralda foi a inspiração para seis das sete filhas mulheres seguirem pelo caminho do magistério. E batalhou muito para vê-las formadas. Dos seus fornos de barro saíam pães de queijo, biscoitos e outras quitandas que as meninas saíam para vender e garantir os recursos para pagar a escola particular. “Ela também fazia festas de casamento e aniversários. Foi dessa forma que estudou a gente”, conta Mariney. “No passo seguinte, a faculdade, era cada um por sua conta”.

Após formar-se no magistério, Mariney teve sua estreia como professora em uma escola na comunidade de Catulés, zona rural de Serra do Salitre. “Mesmo sempre acompanhando o trabalho da minha mãe e irmãs, que já davam aula, quando você entra na sala pela primeira vez é um choque, depois não quer mais sair”. Foram três anos nessa escola até passar no concurso para tornar-se professora em Serra do Salitre. Fez faculdade de História e, após 11 anos na Educação Infantil, assumiu as aulas dessa disciplina.

Para conduzir os alunos pelas datas e fatos marcantes do Brasil e do mundo de uma forma atrativa, apostava em aulas que envolviam recursos como filmes e recortes de revista. Mesmo quando chegou à direção da escola, Mariney seguiu investindo em atividades educacionais criativas. É o caso do projeto que elaborou para melhorar a relação das alunas da oitava série com a escola e a família. Montou uma cozinha completa no colégio e dava aulas de gastronomia para as estudantes. “Produzíamos as receitas e elas levavam os pratos para o almoço em casa, fortalecendo os vínculos familiares”. O projeto foi um sucesso e estampou a capa de uma revista especializada, além de ganhar um prêmio internacional.

Em 2009, veio o grande desafio da sua carreira: assumir a Secretaria de Educação, Esporte, Cultura e Turismo. “Minha primeira reação ao receber o convite foi dizer ‘de jeito nenhum’, mas acabei aceitando e me apaixonei”. Entre os maiores orgulhos de Mariney nas suas duas gestões no cargo (2009-2012 e desde 2016) estão a construção de duas novas escolas, uma no município e outra no distrito de Catiara, e a elaboração do Plano de Carreira para os funcionários da educação. Durante o período que está à frente da Secretaria, Mariney conheceu o projeto de Fortalecimento da Gestão Pública, desenvolvido pelo Instituto Lina Galvani junto à Prefeitura. Com as orientações de especialistas da Agenda Pública, ela e demais secretários municipais receberam tutorias sobre captação de investimentos públicos e gerenciamento de recursos. “Eles abriram nossos olhos para muitos pontos relacionados ao planejamento e elaboração de projetos”.

Outra iniciativa importante que Mariney pretende concretizar este ano é transformar em política pública o projeto Comunidade de Aprendizagem, cujo objetivo é criar uma rede colaborativa para a melhoria do ensino. Serra do Salitre foi o município pioneiro em Minas Gerais na adoção desse programa capitaneado pelo Instituto Natura e desenvolvido na cidade com o apoio do Instituto Lina Galvani. Ela acompanhou de perto sua implantação e as transformações que trouxe na rede municipal de ensino. “O projeto fez os professores repensarem a maneira de atuar em sala de aula e buscarem formas mais dinâmicas de ensinar e envolver os alunos e incluir os pais na vida escolar”.

A motivação dos educadores também chamou sua atenção quando compôs o corpo de jurados do edital Agenda de Futuro, idealizado pelo Instituto Lina Galvani para apoiar iniciativas com foco na melhoria da qualidade de vida no município. “A maioria dos projetos era da área de educação, com ideias criativas como a que trabalhava a música nas escolas. Foi muito bacana ver isso”. Havia ainda iniciativas relacionadas ao turismo. Um dos planos de Mariney nesse setor, é estruturar a cidade para receber os visitantes e organizar roteiros que valorizam atrativos da região, como as fazendas de café, a produção colonial de queijos e os sabores da gastronomia mineira - perfeitos para reunir a todos em torno da boa mesa nos grandes almoços de domingo.

SÉRGIA ANGÉLICA DA SILVA

Campo Alegre
de Lourdes
Bahia



As memórias dos tempos mais duros ainda estão vívidas. Com o olhar altivo, Dona Sérgia Angélica da Silva parece rebobinar as lembranças dos seus 60 anos na região dos Baixões, no sertão baiano. Um lugar onde a seca rege a vida e constrói a história de seus moradores. Nas cenas, ela passeia pelos carreiros de terra com a trouxa de roupas nos braços e a bacia na cabeça percorrendo quilômetros para lavar as peças na cacimba de Angico dos Dias, a salvação quando nem uma gota brotava em seu povoado. No caminho, encontra os vizinhos conduzindo os jumentos que trazem no lombo a água de beber. Cumprimenta os homens que saíram à caça de lambus, tatus-peba e zabelês para garantir o jantar. A jovem Sérgia partiu às quatro da manhã de sua casa no Baixão Novo e só retornará com a roupa lavada depois do sol se pôr. Com sorte, chega a tempo de se reunir com a família em torno do rádio à pilha para ouvir o jornal sob a luz do candeeiro.

As lembranças mais antigas se mesclam com cenas que vieram trazer mais alento à região nas décadas seguintes. A abertura da estrada até Angico dos Dias, em 1968, e o conseqüente ir e vir “feito tatu-peba no mato” de caminhões transportando aroeira e pau violeta. A produção de mel na caatinga e o doce reforço econômico na época de retirada, de dezembro a março. A construção de uma barragem em Baixãozinho. A chegada da energia, tão importante que ela lembra a data exata: 12 de novembro de 2000. A instalação das cisternas, um antigo sonho que se enche na época das chuvas.

A vida ficou melhor nos Baixões, mas a seca e a falta de possibilidades ainda pesam sobre a história de seus moradores. Dona Sérgia enumera os jovens que partiram para Goiás e Brasília na última temporada de estiagem, que durou seis anos, e nos períodos de seca cíclicos que assolam, desde sempre, a região. Entre eles, está sua filha, que foi para Anápolis, em Goiás, concluir o magistério, casou-se e por lá construiu a vida. Quem fica, tem como opção o trabalho na criação de animais e no plantio da roça para subsistência e, em boas safras, para vender, ou então batalha empregos no comércio e indústria local ou no serviço público.

Diante desse cenário, foi com alegria que Dona Sérgia recebeu uma ligação da sobrinha. A boa nova que circulava é que havia um pessoal montando grupos de geração de renda em Angico dos Dias e buscavam pessoas que soubessem corte e costura. Na hora, ela lembrou dos tempos de menina, quando passava as tardes só “curiando” a madrinha entre as linhas e tecidos. “Aprendi ali a prática e, aos 15 anos, passei a

costurar minhas roupas”. A fama chegou aos ouvidos da Rede Social de Angico, Peixe e Região, responsável por aquele chamado para as costureiras da comunidade.

Depois de uma corrente de ligações estendendo a notícia para outras amigas, Dona Sérgia foi participar das reuniões. Descobriu que a Rede Social estava criando projetos para dar mais alternativas de renda para os moradores. Além da costura, tinha a opção de se envolver nas atividades de produção de doces ou plantio de vegetais e hortaliças. Mas o encanto estava mesmo na criação de roupas e peças artesanais. E, assim, em 2012, entrou para o grupo Flor do Sertão.

Os macetes que aprendeu com a madrinha ou por conta própria agora eram compartilhados com outras mulheres. Recebia delas outras tantas dicas para aprimorar sua costura. “É muito bom. A gente aprende, troca experiências e se diverte”. Elas também tiveram o auxílio de profissionais da moda em uma série de cursos promovidos pelo Instituto Lina Galvani, que ajudaram o grupo a incrementar as produções. Além do básico em corte e costura, o grupo Flor do Sertão recebeu uma capacitação em design. Foi a chance de Dona Sérgia mostrar outro de seus dotes: o crochê. Ela aprendeu a técnica ainda pequena, com agulhas improvisadas com um raio de bicicleta. “Depois, só de olhar na revista eu fazia igualzinho”. Da união dessa experiência com o design, surgiram vestidos e blusas com detalhes em crochê, um diferencial no mercado.

A compra de três máquinas de costura para o grupo e as primeiras encomendas foram um estímulo para a agulha não parar. Mas ainda era difícil colocar preço em algo que, antes, elas só faziam por um misto de necessidade e amor pelo ofício. Outra capacitação ajudou as mulheres nessa tarefa. Aprenderam a organizar a produção, calcular a quantidade de materiais necessária e o valor do tempo gasto em cada peça. “Tem que contar os minutos desde a hora que começou a cortar, o tempo de costura e até o dos acabamentos”, explica. “Depois do curso, quando a gente terminava um vestido, já sabia o quanto tinha gastado nele, dos botões até o tecido”, conta.

A prova de fogo para o Flor do Sertão testar seus novos produtos e dotes comerciais foi na 1ª Feira de Exposição da Rede Social de Angico e Convidados. Elas montaram a barraquinha e não demorou para os vestidos e blusas atraírem o público. O arremate foi o desfile da coleção, com as meninas colorindo a passarela na Praça São José. Outra cena que, certamente, Dona Sérgia manterá no seu rol de boas memórias.

MONIQUE ALMEIDA DOS SANTOS

Serra do Salitre
Minas Gerais



Curva da Morte. O nome do trecho da BR-MG 146 é aterrador para um motorista de primeira viagem por essas terras mineiras. Mas não para Monique Almeida dos Santos. Acomodada no ônibus escolar, passa a famosa curva envolta por pensamentos bem distantes ao dos acidentes fatais que garantiram o apelido àquele declive. O trajeto já faz parte da sua rotina. Há 4 anos, desperta ainda noite, coloca o material na mochila, percorre 7 quilômetros de estrada de terra e, antes das seis da manhã, entra na linha que a leva pela BR desde a zona rural do distrito de Catiara ao município de Serra do Salitre.

No caminho de pouco mais de uma hora, enquanto vê o dia amanhecer pensa no que o futuro lhe reserva. Está naquela fase crítica dos 17 anos, com a prova do ENEM batendo à porta. Depende de uma boa nota para cursar Odontologia. Vencer essa etapa, significa ser a primeira da família a entrar na universidade. Tem o apoio incondicional do pai, gerente de fazenda, e da mãe, dona de casa, ambos com os estudos interrompidos na oitava série. E se espelha na irmã mais velha, que viu no curso técnico de Mineração uma garantia de emprego futuro nas empresas da região.

Para alcançar o sonho de ser dentista e ajudar crianças que, como ela, foram reféns do aparelho odontológico por anos, é que Monique enfrenta a madrugada e a Curva da Morte todos os dias. Na cidade, tem um estudo melhor do que o da escola rural de apenas três cômodos, com turmas distintas compartilhando a mesma sala. Faz a sua parte: empenha-se nas atividades da Escola Estadual de Serra do Salitre e abraça todas as oportunidades de aprendizado. Uma delas, em especial, foi transformadora.

Mais afeita aos números que às letras, Monique ficou um pouco incrédula quando foi selecionada para a oficina de Educomunicação, promovida pelo Instituto Lina Galvani para estudantes e moradores do município. Porém, logo no primeiro encontro, percebeu que seria uma experiência diferente. “Havia uma abertura para expor as ideias, debater, sugerir e até discordar, sem aquela hierarquia professor e aluno”, lembra. “Era uma verdadeira troca, que motiva todos a se envolverem no processo”.

O formato a encantou. Monique mergulhou no desafio de construir um fanzine com recortes, colagens, desenhos e ideias. Preconceito, as belezas do município e as pessoas invisíveis na sociedade foram alguns dos assuntos trabalhados pelo grupo. Ela ficou com o tema do empoderamento feminino. A escolha não foi por acaso. “Tenho a

sorte de ter uma mãe muito determinada e consciente, que sempre incentivou eu e a minha irmã a ir contra o pensamento tradicional e sonhar com a carreira que desejássemos”, diz. “Mas sei que as mulheres, no geral, são diminuídas, não têm apoio e são reprimidas até dentro de casa. Quando colocamos essa discussão no papel, me senti mais representada”.

Com o fanzine nas mãos, Monique custou a acreditar que ela e os companheiros de oficina tinham produzido um material tão atrativo. Mas a grande descoberta veio na hora de distribuir as cópias na escola. “Ao contrário dos panfletinhos que as pessoas pegam, olham e jogam na primeira lixeira, os alunos recebiam, liam e gostavam”. Nos dias seguintes, ouvia com orgulho os colegas discutindo sobre preconceito e empoderamento ou cumprimentando funcionários da escola e outras pessoas antes “invisíveis”, como alertava o material.

Com a oficina de fanzine e os outros workshops de Educomunicação realizados nos meses seguintes - que abordaram fotonovela, jornal e vídeo -, a estudante despertou para o poder democrático e multiplicador das formas alternativas de comunicação. “Acho que fizemos algo muito importante, que foi plantar várias sementes de conscientização sobre temas que a maioria dos jovens e adultos não costuma discutir no dia a dia”, diz. “E se o aluno levou para casa e os pais, irmãos e amigos leram, espalhamos ainda mais a informação”.

Participar desse processo teve outro efeito transformador em Monique. A menina que gaguejava, tremia e virava a noite preocupada quando tinha que falar em público ganhou autoconfiança para colocar suas ideias, perguntar e se expor perante a turma. “Foi algo que desenvolvi nas oficinas, que incentivam a interação e a fala de uma maneira muito aberta, livre”, diz. “Nas atividades, também aprendi a ouvir outro, escutar todos os argumentos da pessoa, mesmo que contrários aos meus, e então fazer um debater civilizado”. São lições, garante Monique, que levará para toda a vida, mesmo quando sua história ultrapassar os limites da BR-MG 146.

IRANILDO SILVA DE OLIVEIRA

Luís Eduardo Magalhães
Bahia



Aveia empreendedora ele teve desde menino. Filho de uma família humilde de agricultores, Iranildo Silva de Oliveira ajudava o pai no plantio da roça, na zona rural de Miguel Calmon, na Bahia. Nos dias de feira, coletava frutas na fazenda do avô para vender na cidade. Dessa forma, conseguia uns trocados para comprar sandálias. “Meus pais não tinham condições de nos dar tudo”. Aos 10 anos, já tinha sua própria roça de mandioca e uma plantação de maracujá amarelo, que lhe garantiam uma renda extra. Aprendeu as letras e os números com a mãe, que à noite passava a cartilha com os filhos. Alfabetizado por ela, saltou de turma quando entrou na escola, aos 10 anos.

Trocou a roça pela cidade aos 13 para cursar a quinta série. Com toda a sorte de bicos garantia um dinheirinho para viver. Quebrou pedra, trabalhou em olaria, vendeu picolé e acarajé. O primeiro emprego fixo foi numa panificadora. O segundo ensinou-lhe a profissão que levaria para a vida. Foi contratado como ajudante de desmonte numa estofaria. Com o tempo, aprendeu o ofício da reforma e construção de estofados. Quando o dono decidiu fechar as portas, Iranildo tomou coragem e assumiu o negócio. Fazia cópias dos móveis que via em catálogos e revistas até o dia que uma cliente o desafiou a criar um divã. “Ela depositou em mim uma confiança que nem eu mesmo tinha”. A execução com sucesso abriu caminho para as criações próprias.

A vida de Iranildo deu uma virada quando, em 2009, visitou a sogra que havia se mudado para Luís Eduardo Magalhães, também na Bahia. Próspera por conta do agronegócio, a cidade ganhou fama de lugar fértil para o trabalho e o dinheiro. Deixou tudo para trás em Miguel Calmon e se mudou com a família em 2013. Quebrou a cara. Sem clientela na nova cidade e com entraves para abrir o próprio negócio, teve que pegar serviço com outros tapeceiros. Enfrentou a crise apostando na excelência do seu trabalho. Conseguiu remontar sua estofaria e, hoje, é requisitado, inclusive, pelos melhores arquitetos da cidade.

Com a vida nos trilhos, era hora de resolver outra questão que o afligia. Desde que chegou a LEM, Iranildo percebeu certa desorganização nos bairros, um fenômeno próprio de uma cidade em crescimento desenfreado. Decidiu formar, então, uma associação de moradores dos bairros Jardim dos Ipês e Tropical Ville II. Durante esse processo, conheceu o projeto de desenvolvimento comunitário que o Instituto Lina Galvani estava lançando. Participou desde as primeiras rodas de conversa, que abor-

davam os sonhos da comunidade e as transformações que todos gostariam de ver na região. “A metodologia das rodas foi uma escola para mim. Aprendi a valorizar mais a comunidade e a parar para ouvir a opinião do outro”.

Ele lembra que descobriu a força da mobilização popular na realização de um desafio lançado durante esses encontros: a construção de uma praça em apenas dois dias. Participou da organização e usou todo seu tino vendedor na busca de doações do material necessário para a obra. O lado criativo deu origem a um pula pula feito de pneus velhos. O mutirão atraiu toda a comunidade e, em um final de semana, nascia a Praça Anna Zapponi. “Foi surpreendente. Me dei conta que, juntos, somos capazes de realizar o que desejamos”.

A experiência o motivou a participar da etapa seguinte do projeto de desenvolvimento comunitário. O Instituto Lina Galvani lançaria o edital Ideias e Ações, de apoio a iniciativas sociais nas áreas de cidadania, cultura, lazer, educação e saúde, e planejou uma série de oficinas preparatórias para orientar os moradores na formulação dos projetos. “Muito do que aprendi sobre temas como planejamento e organização financeira já apliquei não apenas no edital, mas também na minha empresa”.

No momento de decidir seu projeto, Iranildo tinha uma certeza: envolveria o karatê. Ele pratica a arte marcial desde os tempos que vivia em Miguel Calmon e chegou a ser campeão brasileiro da modalidade, em 2008. “Até pensei em me tornar profissional, mas comecei numa idade avançada para o esporte de elite”. Por experiência própria, sabe que essa arte marcial desenvolve postura, alinhamento do corpo, raciocínio rápido e tranquilidade. “Trabalha a mente e o corpo”. No projeto Escola de Karatê Shotokan, um dos selecionados do edital Ideias e Ações, o foco está nas crianças e adolescentes. Sua proposta é oferecer a eles uma atividade que melhora a coordenação motora e o condicionamento físico e trabalha, por meio dos preceitos dessa arte marcial, a educação, a autoestima e os valores para a vida em comunidade. O principal deles virou o lema de Iranildo tanto no karatê quanto no mundo dos negócios: respeito acima de tudo.

ROSA MARIA

RIBEIRO DA MATA ROCHA

Campo Alegre
de Lourdes
Bahia



Havia um clima de expectativa no povoado de Angico dos Dias naquele domingo ensolarado de abril. Corria a notícia da chegada de técnicos para os testes de abertura de um poço artesiano na Horta Esperança, nos altos da comunidade. Rosa Maria Ribeiro da Mata Rocha, a Rosinha, estava especialmente ansiosa. Havia passado boas horas ali nos afazeres da terra. Com a ajuda do marido, limpou os canteiros, regou a plantação e colheu pés de verdura. Terminou a lida e nada dos técnicos aparecerem. Antes de pegar o rumo ao povoado, parou no portão da horta e esquadrinhou com os olhos o terreno. Imaginou as novas culturas que poderão ser plantadas com a perfuração de um poço na propriedade.

A descoberta de uma nova fonte de água gera, com razão, essa expectativa. Angico dos Dias está localizado em pleno Polígono da Seca, no extremo norte baiano. A época que a população acordava de madrugada para garantir a água antes da cacimba secar ficou para trás. A instalação de cisternas e o trânsito de caminhões pipa amenizaram essa rotina. Porém, depender da chuva ou arcar com a compra de água ainda pode limitar os sonhos que Rosinha reserva para o projeto Horta Esperança.

Professora há mais de duas décadas, ela fez parte da primeira geração de educadores nascidos no povoado. O pioneirismo teve seu custo. Saiu de casa aos 10 anos para cursar o primeiro grau na cidade vizinha de Caracol. Morava na casa de conhecidos e visitava a família nos finais de semana. Na adolescência, a distância aumentou. Fez magistério em Campo Alegre de Lourdes, distante 72 quilômetros de Angico dos Dias. “Não havia telefone, eu chegava a ficar um mês sem comunicação com pai e mãe. Às vezes, mandava bilhetes por conhecidos quando precisava de algo”. A vontade de voltar e assumir o posto de professora deu forças para enfrentar a saudade. Aos 18 anos, ministrou sua primeira aula na escola do povoado.

O tempo só fortaleceu a certeza de que tomou a decisão correta. “Angico é um lugar acolhedor. Está no cerne do povo um ajudar ao outro”. E Rosinha dá sua contribuição para manter esse espírito. “Gosto de interagir com a comunidade, participar”. Foram essas características hereditárias que a levaram a se envolver no projeto de desenvolvimento comunitário que o Instituto Lina Galvani começou a tocar no povoado, em 2009.

Desde o início, fez questão de ser uma figura atuante nas rodas de conversa. “Era o espaço para ouvirmos as preocupações das pessoas e, juntos, buscar soluções para

esses problemas, às vezes comuns a todos”. Rosinha acredita que os encontros ajudaram a fortalecer os laços de amizade e de cooperação que culminaram na criação da Rede Social de Angico, Peixe e Região. “Foi uma reunião natural de pessoas que se preocupam com a comunidade”.

A lista de conquistas desde que instituíram a Rede Social é grande. O calçamento, a caixa d’água, a construção de uma praça, a instalação de banheiros nas casas, as mais de 50 cisternas para a população e as capacitações para jovens e adultos são apenas algumas que ela rapidamente resgata da memória. “Descobrimos a importância da conversa, das parcerias e da mobilização para ir atrás das melhorias”.

Rosinha fala com orgulho dos grupos sociais e de geração de renda que surgiram a partir da Rede. Um deles tem sua especial atenção: o Horta Esperança. A proposta de criar um espaço para o cultivo orgânico de legumes, frutas e verduras foi levantada em um roda de conversa. A ideia fez a professora resgatar memórias afetivas da infância. Lembranças de quando acompanhava o pai no plantio de feijão, milho e outras culturas e da festa que se transformava a casa de farinha na época da mandioca. “Os homens saíam de madrugada para arrancar as raízes, levavam tudo na carga do jumento para a casa de farinha e as mulheres raspavam a mandioca em meio a histórias, causos e risadas. Era animado demais!”.

O gosto pela lida na terra, a vontade de ajudar e a chance de produzir hortifrúteis saudáveis foram os ingredientes que levaram Rosinha a doar parte do terreno que herdou do pai para a concretização da Horta Esperança. Por meio da Rede Social, conseguiram parcerias e a vinda de agrônomos para ensinar ao grupo técnicas do plantio sem agrotóxico, do combate às pragas, da multicultura e dos canteiros econômicos, que requerem menos água. Seguindo os ensinamentos, viram a horta esverdear-se com os itens que hoje abastecem suas mesas e a venda de orgânicos no povoado.

O próximo passo é incrementar o sistema de irrigação. “Com ele em funcionamento, poderemos aumentar a produção e fornecer para escolas e empresas, mas é essencial ter um poço para não faltar água”. Era essa a principal razão de tamanha expectativa de Rosinha e dos moradores de Angico naquele domingo ensolarado de abril. Foi por essa razão que todos comemoraram em festa, no fim de tarde desse mesmo dia, a notícia de que os técnicos descobriram um veio de água no terreno da Horta Esperança.



LUDIMILA NOVAIS

Luís Eduardo Magalhães
Bahia



A galinhada ardia no fogo. Arroz, carne e temperos medidos apenas com a precisão que o nervosismo permitia. A panela deslizando sobre o fogão improvisado com tábuas nos fundos de uma casa cedida por uma moradora. “Meu Deus, ajude para que o pessoal venha”, repetia mentalmente Ludimila Novais. Ela tinha a esperança de que as semanas de trabalho duro não tivessem sido em vão. Na última vez que espiou o movimento lá fora, poucas pessoas estavam no terreno. Mas era cedo demais, talvez por isso. Lembrou da correria dos últimos dias e da batalha para conseguir doações. “Eles têm que vir”. Era a manhã de um sábado, 24 de junho de 2017, data marcada para iniciar o mutirão de construção da Praça Anna Zapponi, no município de Luís Eduardo Magalhães, na Bahia. Um sonho que, naquele momento, Ludimila torcia para se tornar realidade.

Era uma situação nova para ela. Além de nunca ter participado de uma força tarefa nesses moldes, Ludimila ainda está, de certa forma, descobrindo o modo de agir e viver dos moradores de Luís Eduardo Magalhães. Mais conhecida como LEM, a cidade tem mesmo suas peculiaridades. Desde a década de 80, vive um crescimento meteórico capitaneado pelo agronegócio. A fama atraiu empresários de várias partes do país e toda a rede de serviços para sustentar tal desenvolvimento. O resultado é uma população com distintos costumes que ainda está construindo uma identidade que unifique esse caldeirão cultural. “Por enquanto, a identidade de LEM é trabalho”, diz Ludimila.

Nascida e criada em Pindaí, na Bahia, ela chegou à cidade em 2012. Filha de um mecânico e uma dona de casa, após fazer a prova do ENEM conseguiu uma bolsa do FIES (Fundo de Financiamento Estudantil) e decidiu cursar Ciências Contábeis. Entre os lugares com vaga disponível estava Luís Eduardo Magalhães. Nunca tinha visitado LEM, mas o fato do namorado trabalhar na região como agrônomo contribuiu na escolha. Ficar na cidade natal não era uma opção. “A única possibilidade que a gente tem em Pindaí é sair de lá”. Então, reuniu as coisas e partiu rumo ao Eldorado baiano.

Para suportar o custo de vida mais alto, conciliou a faculdade com o trabalho em contabilidade. Aproveitou ao máximo o curso tendo como objetivo um desejo que acentava desde criança. “Sempre sonhei em ter a minha própria empresa”. Especializou-se na área de planejamento tributário e, enfim, conseguiu montar a sua JC Contabilidade. Atualmente, está investindo na área de coaching. “Descobri que não adianta lidar apenas com números, é preciso trabalhar com quem vai receber os dados”. Na

vida pessoal, também houve grandes mudanças. Ludimila se casou com o namorado agrônomo e, juntos, encontraram seu lugar na diversidade cultural de LEM na Pastoral Familiar. Atualmente, coordenam o grupo de assistência e orientação a famílias do Jardim dos Ipês, bairro no qual conseguiram comprar seu primeiro apartamento.

É neste ponto que a sua vida vai ao encontro daquela tensa manhã de sábado, 24 de junho de 2017. Sempre que passava pelo terreno em frente ao condomínio onde foi morar, imaginava que ali seria o lugar ideal para uma praça onde brincar com seu filho. Participante da associação de moradores local, conheceu o programa de desenvolvimento comunitário do Instituto Lina Galvani. Decidiu participar das rodas de conversa nas quais os moradores foram convidados a pensar possibilidades de melhorias para a comunidade. E qual não foi sua alegria quando a construção da praça foi a proposta escolhida pela maioria para ser executada.

Ludimila se envolveu completamente nas etapas seguintes do processo. Visitou moradores para coletar suas ideias e participou do encontro onde todos, das crianças aos idosos, colaboraram na construção da maquete da futura praça reunindo seus principais desejos, como mesas de dominó, campinho, balanços, pula pula e uma área coberta para a prática de capoeira. Chegava a hora complicada: buscar apoios e patrocínios. “Cada um ficou responsável por uma lista de itens necessários. Quando vi a minha, achei que seria impossível!”. Porém, à medida que o sinal do whatsapp do grupo apitava anunciando mais uma doação, ela ganhava força para correr atrás.

Na noite anterior ao mutirão, Ludimila repassava tudo o que faltava fazer, que horas acordar, o que levar. “O nível de ansiedade era muito grande”. Na última hora, a bomba: a pessoa responsável pela alimentação os deixou na mão. Cedinho correram atrás de tudo, improvisaram o fogão e ela começou a galinhada. “Meu Deus, ajude para que o pessoal venha”. Ficou cuidando do almoço até ter certeza de que tudo estava encaminhado. Foi quando conseguiu, enfim, ver se suas preces foram atendidas. “Quando saí e vi aquela quantidade de gente trabalhando, ações nos quatro cantos do lugar, tudo em sintonia, só pensei: ‘consequimos’”. No domingo, segundo dia do mutirão, novamente o lugar se encheu de voluntários. Para Ludmila, naquele final de semana de junho ela ganhou muito mais do que uma praça. “Nós éramos vizinhos, mas praticamente não nos conhecíamos. Ali tivemos a oportunidade de compartilhar experiências, culturas e histórias, criar vínculos e fortalecer o espírito de comunidade”.

LUCIENE DE SOUZA BORGES

Serra do Salitre
Minas Gerais



Caso o cartunista Ziraldo decidisse encontrar alguém para personificar a Professora Maluquinha, uma de suas criações mais famosas, Luciene de Souza Borges seria uma forte candidata. Tal como a educadora do livro, ela revoluciona a prática pedagógica com atividades, brincadeiras e técnicas que tornam as aulas uma divertida aventura do aprendiz. Música, teatro, paródias, jogos e instrumentos musicais entram em sala como ferramentas que utiliza para fugir do clássico formato quadro negro e giz e deixar o conteúdo didático mais atrativo para as crianças e jovens. Também como a personagem, gosta que suas classes extrapolem os muros da escola, transformando praças, ruas e hortas em palco para o ensino.

As semelhanças com a Professora Maluquinha não param na didática inusitada. Assim como ela, Luciene também iniciou a carreira em uma escolinha do interior de Minas Gerais. Após concluir o curso Normal, começou a dar aulas de educação infantil em Catiara, sua terra natal, distrito de Serra do Salitre. A Escola Cornélia Regina tinha apenas uma sala e poucos recursos para materiais. A dificuldade fez florescer o estilo criativo que a professora adota até hoje. Para ensinar lateralidade aos alunos do maternal, lembra dos relógios que rodou na máquina de estêncil, coloriu, recortou e colocou no braço esquerdo de cada criança. “Acho que os alunos de Catiara foram as minhas primeiras cobaias”, brinca Luciene.

Um concurso público a trouxe para Serra do Salitre e garantiu sua estreia nas aulas de alfabetização, pelas quais tem especial carinho. “É a fase da descoberta, a hora que acende aquela luz nas crianças”. Nos 20 anos seguintes dedicados à educação, lapidou técnicas de ensino em formações universitárias - incluindo uma pós graduação em Fundamento da Didática -, além de experiências em turmas do Fundamental à formação de adultos e passagens pela coordenação e direção escolar.

Um dos principais aprendizados que Luciene tirou dessa rica trajetória é muito simples, mas por vezes esquecido na tarefa de casa dos educadores: observar os alunos. “Quando eles cruzam o muro da escola, não deixam para trás tudo o que estão vivendo lá fora”. Crises familiares e desilusões amorosas, por exemplo, podem ser a causa de um comportamento arreado em sala de aula ou do mau desempenho escolar. “É preciso conhecê-los, entender pelo que estão passando, perceber se precisam de auxílio, criar espaços de conversa”.

Entre os métodos que a professora utiliza para dar voz às inquietações dos estudantes, estão as Tertúlias Dialógicas Literárias, que incentivam o diálogo e a reflexão por meio da leitura de clássicos universais. Luciene conheceu a técnica quando fez a formação do Comunidade de Aprendizagem, projeto de melhoria do ensino idealizado pelo Instituto Natura e desenvolvido em Serra do Salitre, com o apoio do Instituto Lina Galvani. “Percebi que nas tertúlias os alunos falam de acontecimentos em casa, desabafam, aliviam problemas que estão presos em seus corações”.

A experiência no Comunidade de Aprendizagem foi transformadora para Luciene. “O programa abriu horizontes para a minha vida e mostrou formas de trabalhar diferenciadas”. Inquieta como ela só, voltou das formações em São Paulo com as ideias fervilhando. Entre elas estava a da Mala Viajante, uma biblioteca itinerante recheada de livros comprados a partir de doações que os alunos coletaram no comércio local fantasiados de personagens das histórias infantis. “A mala que utilizo nesse projeto, aliás, é a mesma na qual levei a bagagem para São Paulo”.

A oportunidade para concretizar outra de suas ideias veio com o edital Agenda de Futuro, proposto pelo Instituto Lina Galvani, para apoiar projetos em áreas prioritárias levantadas pelos moradores de Serra do Salitre, entre elas a educação. Ela tinha o sonho de resgatar a antiga biblioteca da Escola Municipal Senador Lúcio Bittencourt, que há tempos havia se transformado em uma espécie de depósito. Esse seria seu projeto, mas faltava o toque inusitado que já é característico da professora. Foi quando teve o lampejo de incluir na proposta a adaptação de uma bicicleta com uma estante de livros e, dessa forma, ampliar o acesso de toda a comunidade à literatura. A ousadia deu certo: o Pedalando na Bicicloteca foi um dos selecionados do Agenda de Futuro. Quando recebeu a notícia, comemorou bem ao seu estilo. “Pulei por toda a escola, saí gritando e dei até cambalhota!”.

Longe de sossegar, Luciene já tem engatilhado o próximo projeto. A professora tem o sonho de fazer um curso de contação de histórias. Quer estudar a técnica a fundo, associá-la às tertúlias e, mesmo depois de se aposentar, seguir como voluntária apresentando a literatura aos alunos das escolas de Serra do Salitre. Mas ela já antecipa: “Não será só leitura, não, vai ter pandeiro e música e vou vestida a caráter, com fantasia da Branca de Neve, dos sete anões...”. É ou não a própria Professora Maluquinha?

ACRÍSIO DA SILVA ROCHA JÚNIOR

Serra do Salitre
Minas Gerais



Um caminhão Ford de 1930, original das calotas ao motor, dá as boas-vindas a quem entra no restaurante Botequinho, em Serra do Salitre, Minas Gerais. O espanto inicial fica completo quando os clientes descobrem que o buffet da autêntica comida mineira é montado sobre a carroceria do veículo. Era justamente esse efeito surpresa que Acrísio da Silva Rocha Júnior, o Juninho, imaginava quando idealizou a decoração da casa, inaugurada em 2012. Não foi fácil convencer o Acrísio-pai, entusiasta dos carros antigos, a ceder o possante. Mas o orgulho de ver os filhos preservando suas memórias falou mais alto.

Juninho herdou do pai essa veia saudosista. Cresceu ouvindo os poemas de cordel que o patriarca escreve até hoje e relatos sobre os antepassados, contados em longos dedos de prosa. Bons trechos dessa história estão eternizados no Botequinho. O Ford 38 é apenas a entrada de um passeio pela memória familiar. Decoram o espaço a sanfoninha do avô, a máquina de costura da tetravó, uma chapeleira centenária de madeira maciça, a moto Vespa de 1961 (“O primeiro transporte motorizado que meu pai comprou na vida”) e mais um sem-fim de objetos garimpados entre parentes e amigos.

Outras lembranças invisíveis, apenas Juninho consegue enxergar. Da amoreira, laranjeira e abacateiro que eram palco de brincadeiras nesse mesmo terreno que hoje sustenta o galpão. “Fui criado ao lado e aqui era meu mundo, a terra de minhas fantasias de criança. Fico feliz de ter essas raízes e hoje ganhar a vida no mesmo local”.

Filho de Serra do Salitre, o empresário acompanhou as transformações que a cidade viveu nas últimas décadas. O Cerrado sendo preenchido pelas plantações de café, o crescimento da produção de queijo, o agronegócio e a mineração. Assim como o pai, um visionário que chegou nessas terras nos anos 70, antecipando o avanço da cafeicultura, Juninho se prepara para um futuro promissor para a cidade. É com esse pensamento em mente que, sempre que viaja pelo Brasil e o mundo, coleta referências para elaborar planos futuros e aprimorar seu negócio, como aconteceu com o Botequinho, inspirado nos bares-museu que conheceu no México.

Em 2015, Juninho descobriu que essa mesma esperança no desenvolvimento de Serra do Salitre era compartilhada por muitos moradores e lideranças da cidade. Ele foi convidado a participar das reuniões que deram origem à Agenda de Futuro do mu-

nicípio, um documento elaborado pelo Instituto Lina Galvani, com base nos sonhos e opiniões da população. Junto a quase uma centena de pessoas, ajudou no processo de identificar os principais desejos da comunidade e imaginar formas de promover o desenvolvimento local de uma maneira sustentável.

Durante as rodas de conversa e atividades desenvolvidas, o empresário sugeriu um caminho que acredita ser essencial para o município: o investimento em turismo. “Temos a produção de queijos, um clima favorável, as plantações de café em toda a região e a tradicional gastronomia mineira. É um potencial incrível para ser trabalhado”. Por tudo que viu em suas andanças pelo mundo, Juninho sabe que, à reboque do turismo, vem crescimento, geração de empregos, lazer, capacitações e novas possibilidades de geração de renda. “Fora que, como ninguém viaja triste, os visitantes trazem uma energia muito boa para as cidades e elevam a autoestima dos moradores”.

As ideias fervilham quando começa a falar do tema. Imagina a formação de grupos de doceiras para vender seus quitutes numa feira, uma rota sobre a cultura cafeeira, passeios pela linha de produção dos famosos queijos locais e o seu maior sonho: a criação de um festival gastronômico. De certa forma, Juninho contribuiu para preparar o município para explorar todas essas possibilidades, como membro participativo das reuniões e jurado do primeiro edital Agenda de Futuro, que selecionou cinco projetos sociais que receberam o apoio do Instituto Lina Galvani.

Juninho sabe que será um longo caminho até ver seus sonhos para o turismo em Serra do Salitre realizados. “É preciso a mobilização de todos, melhorar os serviços e criar uma estrutura para receber bem os visitantes”. A força para não desistir da empreitada vem do principal ensinamento que ouviu do pai: “trabalhem que vocês conseguem”. Desde menino, o empresário aprendeu com ele o valor do esforço. Nas férias, enquanto os amigos brincavam, Juninho e o irmão ajudavam na fazenda. Quando tinham na faixa dos 20 anos, receberam do pai apenas 30% do valor necessário para montar uma autopeças e um Passat 79 para não ficarem a pé. “O resto vocês correm atrás, ele nos disse”. E os irmãos seguiram a preciosa lição. O resultado está no sucesso do Botequinho, onde o Ford 1930 do Seu Acrísio dá as boas-vindas aos visitantes.



JORENE SOARES BARBOSA ROCHA

Campo Alegre
de Lourdes
Bahia



Sentadas sobre uma colcha colorida estendida no chão, as crianças acompanham atentas a história. Ficam espantadas com a voz da bruxa. Divertem-se com as peripécias dos sete anões. Alertam a Branca de Neve sobre a maçã envenenada. Comemoram quando o príncipe dá o beijo que salva a donzela. Elas participam como se os personagens saltassem das páginas do livro que a professora Jorene Soares Barbosa Rocha tem nas mãos e ganhassem vida em plena Praça São José, ponto central do povoado de Angico dos Dias, na Bahia. Depois do “viveram felizes para sempre”, cada criança volta para casa com um livrinho para ler em família.

A cena aconteceu em uma das sessões do projeto *Árvore de Livros*, desenvolvido em 2014 por Jorene para incentivar a leitura entre os jovens. Na difícil batalha contra os celulares pela atenção das crianças, ela sabe que precisa lançar mão das estratégias educacionais que lapidou em 20 anos como professora. Desdobrar-se em mil personagens e ensinar com atividades lúdicas são técnicas que funcionam tanto em sala de aula quanto nos projetos para os pequenos. Com os adolescentes que se mostram desinteressados pelos estudos, a estratégia é outra. A professora vale-se de sua própria história para ressaltar as oportunidades que eles não estão aproveitando.

Jorene não contou com as facilidades de acesso à escola que os jovens do povoado têm atualmente. Desde os 11 anos até terminar o segundo grau, teve que ficar longe da mãe e do irmão para estudar na cidade de Remanso, distante 200 quilômetros, onde morava com a avó. “As estradas eram péssimas e não tinha condições de visitá-los. Só os via em junho e dezembro”. No magistério, percorria a pé ou de carona em cima de um caminhão os 6 quilômetros até a escola na qual fez o estágio curricular. E mesmo uma década depois, quando cursou a faculdade de Letras, a dificuldade não deu tré-gua. Grávida do primeiro filho, cruzava na garupa de uma moto os 72 quilômetros de estrada de chão que separam Angico dos Dias da cidade de Campo Alegre de Lourdes.

O alento para os períodos mais complicados Jorene encontrou no seu próprio povoado: sempre havia alguém para estender a mão. “Costumo dizer que um dos bens mais preciosos que temos aqui é esse sentimento de comunidade”. A regra vale nas alegrias e tristezas. Nos casamentos, os noivos conseguem montar a festa inteira com contribuições. Quando alguém morre, durante uma semana os conhecidos se reúnem para rezas em apoio à família da pessoa que partiu. Após a missa do sétimo dia, um almoço preparado com as doações de todos encerra o ciclo dessa tradição chamada de *Visita*.

Jorene acredita que esse espírito coletivo intrínseco ao povoado se fortaleceu desde que o Instituto Lina Galvani iniciou os projetos de desenvolvimento comunitário em Angico dos Dias, em 2009. Ela lembra das primeiras rodas de conversa que mapearam os problemas que afligiam os moradores e das votações para decidir em conjunto quais teriam prioridade na busca por soluções. “As rodas despertaram na gente o poder de sermos protagonistas das mudanças que desejamos para a comunidade”. A grande participação e a quantidade de ideias levantadas nas reuniões levou à criação de uma associação de moradores que, depois, deu origem à Rede Social de Angico, Peixe e Região com o objetivo de coordenar todas as ações e projetos. Para Jorene, esse movimento é a concretização do sentimento de comunidade que ela sempre viu no povoado. “Quem participa da Rede trabalha pensando no coletivo, no ajudar o outro.”

A certeza de que estavam no caminho certo veio quando encamparam a ideia de construir a Praça São José, um antigo sonho local. A professora perdeu noites de sono imaginando se daria certo o desafio de, em apenas dois dias, dar vida àquele imenso espaço quase vazio onde apenas uma figueira dava sombra. Ela nunca vai esquecer o que aconteceu naquele fim de novembro de 2013. Mais de 200 pessoas, dos 2 aos 89 anos, arregaçaram as mangas na construção da Praça. “Aparecia gente de todo lado! Até moradores de outras regiões e quem estava só passando entraram no mutirão ao ver aquela mobilização toda. Foi emocionante.”

A empolgação em narrar essa história só encontra um rival à altura de competir no entusiasmo quando os projetos da Rede Social ligados à educação e às artes entram na prosa. À frente do grupo *Resgate Cultural*, ela movimentou a comunidade na recuperação de tradições como as quadrilhas juninas e o *Reisado*, um folguedo religioso que percorre as ruas com cânticos na semana que antecede o Dia de Reis. “Eram manifestações que eu via na infância e tinha muita vontade de trazer para os tempos de hoje”. O projeto é um dos pupilos de Jorene, que pretende seguir incentivando os moradores a preservar seus costumes e memórias. Essa é uma história cujos próximos capítulos ainda serão escritos pela professora - e tudo indica que terá um final feliz.

ROBERTA PACHECO

Serra do Salitre
Minas Gerais



Dona Maria Helena Alves Borges é uma pessoa especial. Os anos dedicados à educação de jovens em Serra do Salitre, Minas Gerais, seriam suficientes para preencher os quesitos de uma vida plena de realizações. Mas decidiu ir além. Já aposentada como professora, iniciou um novo legado. Foi um desses casos nos quais o destino nos coloca frente a dois caminhos, o cômodo e o desafiante. Ela optou pelo mais tortuoso quando a família de um vizinho com deficiência intelectual a procurou buscando auxílio. Não teve dúvida: foi bater à porta da assistência social da cidade. Ouviu do atendente a frase que mudou o rumo dessa história: “Seria mais fácil ajudá-lo com um atendimento especializado se tivesse uma APAE no município”. O desafio foi aceito. Em 1997, Dona Maria Helena dava partida à criação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais em Serra do Salitre.

Mais de duas décadas depois, Roberta Alves Borges Pacheco conta a saga de sua mãe sentada no escritório da direção da nova sede da instituição, um edifício com salas caprichosamente preparadas para receber os alunos especiais. Ela acompanhou tudo de perto desde o início. Também professora, viu a mãe tocada por aquela história e abraçou com Maria Helena a causa. Juntas, enfrentaram a descrença pública inicial e o trabalhoso processo de regularizar e montar uma APAE do zero. A burocracia era apenas uma das pedras no caminho, mas nem de perto a maior. Faltava a sede da instituição e exatamente tudo dentro dela, de painéis a mesas e cadeiras. Alugaram uma casa, iniciaram as reformas e correram a cidade atrás de doações. Paralelamente, ela e a cunhada, Silvana, iniciaram uma série de cursos e treinamentos para aprender a lidar com um cenário educacional diferente do qual estavam habituadas. “Era uma realidade nova para nós, com peculiaridades que iam desde o ensino em si a questões de saúde e alimentação especiais”. Finalmente, em 12 de dezembro de 1997, a APAE de Serra do Salitre abre suas portas.

Nessa época, Roberta ainda não imaginava que sua vida também se transformaria a partir da Associação. Era formada em magistério, mas jurava que nunca exerceria a profissão. A vocação floresceu no contato com os alunos. “Eu me descobri professora com APAE”. Era uma rotina que ia além do ensinar e aprender das salas de aula. Roberta perdeu a conta de quantas vezes subiu numa Kombi rumo a Uberlândia para acompanhar o tratamento médico dos “meninos”, como costuma chamá-los. Em 20 anos de APAE, ela viu *in loco* as mudanças que ocorreram no setor. A expectativa de vida das pessoas com deficiência aumentou e a importância de sua integração à

sociedade ganhou mais força. “Hoje, elas são treinadas desde pequenas a tomar decisões. A ideia é que tenham uma vida que ultrapasse os muros de casa ou da APAE”.

O caminho para a autonomia dos deficientes passa pelo desenvolvimento de vocações e habilidades. A arte é um dos veículos mais estimulantes e o artesanato se mostrou uma importante ferramenta nesse processo. A APAE vinha trabalhando a técnica com os alunos, mas faltavam recursos para expandir a atividade. Como resolver? O estalo veio quando Roberta participava dos encontros promovidos pelo Instituto Lina Galvani para elaborar uma Agenda de Futuro para o município. Nas rodas de conversa, debatia com outros moradores projetos para desenvolver a região. Em uma das reuniões, a novidade: um edital apoiaria iniciativas que melhorassem a qualidade de vida em Serra do Salitre. Era a oportunidade para levar adiante as aulas de artesanato. A informação logo chegou até a professora Simone Maria da Silva Quitéria, que desenvolveu o projeto A Arte em Forma de Expressão. Além do trabalho com artesanato, ele envolvia a conscientização ecológica, com o reaproveitamento de vidro nas peças.

Foram semanas com os dedos cruzados até receber a notícia de que a iniciativa foi uma das selecionadas. A verba garantiu uma revolução nas aulas de artesanato na APAE. As professoras fizeram cursos de novas técnicas, compraram materiais de primeira linha e estruturaram a atividade. Nas classes, os alunos desenvolveram não apenas a criatividade, mas também a iniciativa própria. Eles eram incentivados a escolher que tipo de vidro seria a base de seu projeto e participar de todas as etapas.

Essa conquista foi a realização de um sonho, mas o *gran finale* ainda estava por vir. Na tradicional cavalgada para angariar fundos para a instituição, os alunos montaram uma barraca para expor e vender suas obras de arte. Ao fundo, Roberta e os outros educadores apenas observavam, emocionados, a desenvoltura dos seus pupilos, orgulhosos em contar todo o processo da pintura em vidro. “Foi uma festa para os meninos e uma felicidade imensa ver como isso aumentou sua autoestima e independência”.

Hoje, a sala de artesanato ocupa lugar de destaque no Centro Dia, da APAE, inaugurado em 2017. Ali, os jovens com deficiência têm as aulas de artes e treinam tarefas diárias em ambientes que simulam cômodos de uma casa. Dessa forma, concretizam o que Roberta e sua mãe sonharam desde o início dessa empreitada: prepará-los para o mundo. O nome dado à nova sede coroa essa trajetória: Maria Helena Alves Borges.



Diretor Executivo **Ricardo Mastroti**

Analista Administrativo Financeiro **Claudia Castilho**

Analista de Projetos **Rafael Art**

Assistente Administrativo Financeiro **Jennifer Silva**

Coordenadora de Relacionamento Institucional
e Comunidades **Patrícia Limeres**

Analista de Comunicação **Kaio Nunes**

Agente Local de Campo Alegre de Lourdes (BA) **José Filho**

Agente Local de Serra do Salitre (MG) **Cristina Cardoso**

Agente Local de Luís Eduardo Magalhães (BA) **Thais Malta**

ECOAR

Coordenação

**Kaio Nunes, Patrícia Limeres e
Valéria Lapa | Instituto Lina Galvani**

Direção editorial e criativa
BURK Creative

Redação e Fotografia
Eduardo Burckhardt

Tratamento de imagem
Tandi Veríssimo

Fazer com que as histórias sejam ouvidas e lidas, fazê-las **ECOAR**.

Este é o objetivo desta publicação: proporcionar que narrativas de vidas sejam difundidas e conhecidas. E especialmente estas histórias, quando ecoam, ilustram o trabalho do **Instituto Lina Galvani** nas comunidades, tornando-as protagonistas dos projetos e ações que desenvolvemos juntos.

Dividimos com você essas memórias para que possa conhecer um pouco das pessoas que não apenas estão nos territórios, mas também o representam. É por eles que estamos trabalhando.



instituto

linagalvani

